



O CORPO INVESTIDO PELA TÉCNICA: PÓS-HUMANISMO E OS (DES)LIMITES DAS MODIFICAÇÕES CORPORAIS¹

THE BODY INVESTED BY TECHNIQUE: POST-HUMANISM AND THE (DIS)LIMITS OF BODY MODIFICATIONS

Eduarda Pohl Quednau², Fernanda Serrer ², Autor ³, Autor ⁴, Autor ⁵, Autor ⁶, Autor ⁷

¹ Projeto de Pesquisa “Pós-humanismo e Direitos Humanos. Unijui-RS.

² Bolsista PIBEX, aluna do Curso de Graduação em Direito da UNIJUI, campus Três Passos

³ Professora do Curso de Graduação em Direito da UNIJUI, Professora Orientadora da Bolsa PIBEX UNIJUI, Mestre pela UNIJUI e Doutoranda em Direitos Humanos pela UNIJUI

INTRODUÇÃO

A história do corpo humano, é a história da civilização. A questão do corpo ao longo da história retrata um contexto filosófico e social. Atualmente se discute muito acerca dos limites e das possibilidades dos procedimentos estéticos, na busca e manutenção da aparência mais jovial ou, em nome de uma insegurança que conduz pessoas a “corrigir” aspectos da fisionomia supostamente em descompasso com padrões estéticos contemporâneos. Em razão dessa insegurança, a procura por tratamentos estéticos vem crescendo gradativamente ao longo desses anos, e diante dessa grande demanda associada ao desenvolvimento tecnológico de diversos procedimentos e técnicas diferenciadas, é possível que a estética possa ser configurada de diversas maneiras. Ademais, a história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, (re)construindo suas particularidades, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros e com isso criando e recriando padrões como expressões de um tempo e de uma cultura. Surgem, então, os padrões de beleza. Ocorre que na atualidade o desenvolvimento de tecnologias médicas, com intervenções cirúrgicas, colocação de próteses, aliada a uma pujante indústria da estética e da cosmética, projetam os corpos” em uma 'nova era', a era da revolução digital, num novo estágio de desenvolvimento do mundo moderno, permitindo novas e imprevisíveis possibilidade de mutação dos corpos, debate que diz respeito ao movimento pós-humanista.

METODOLOGIA



A pesquisa inclui a coleta de dados de fontes bibliográficas disponíveis em mídia física e redes de computadores para aumentar a clareza e compreensão do trabalho. Uma seleção de bibliografias e documentos pertinentes ao assunto está presente, competente e suficiente para permitir ao pesquisador estabelecer um referencial teórico coerente ao assunto em estudo, e atingir o objetivo proposto de leitura e arquivamento do material selecionado durante o processo de realização, e como uma reflexão crítica sobre o tema, que se debruça sobre a questão da mediação como forma de lidar e resolver conflitos na sociedade. Por meio do relato de experiência da prática do projeto de extensão, busca-se compreender a questão do corpo ao longo da história e como as novas tecnologias tem dialogado com movimentos filosóficos como o movimento pós-humanista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A concepção de corpo perfeito e os padrões de beleza variaram ao longo do tempo e de acordo com as diferentes culturas. Desde a valorização do corpo atlético na Grécia Antiga até a negação do corpo na Idade Média sob influência do cristianismo, as sociedades moldaram as particularidades do corpo humano, enfatizando certos atributos em detrimento de outros e criando seus próprios padrões estéticos.

Nesse sentido, é crescente o uso de fármacos que estimulam o metabolismo ou que prometem a melhora do rendimento físico e sexual, além de outros que objetivam potencializar o desempenho cognitivo. Da mesma forma, o crescimento vertiginoso da indústria de cosméticos com interface nanotecnológica diariamente cai no gosto de adeptos ávidos por controlar a passagem do tempo, bem como cresce o número de intervenções cirúrgicas na busca do corpo desejado, as quais, recentemente, contam com propostas baseadas em softwares de filtros faciais, transformando seus usuários nas suas versões mais perfeitas. Assim, meio social determina se algo é bonito ou não, ele propõe um padrão de beleza extremamente difícil de alcançar, as pessoas que mostram oposição a essas ideias são de alguma forma excluídas (Resende, 2006).

O humanismo, ciborguismo e pós-humanismo são conceitos que se entrelaçam nessa discussão. O humanismo tradicional valoriza a natureza humana e a experiência existencial



como fundamentais. No entanto, à medida que avançamos em direção a um mundo no qual a tecnologia pode modificar nossa biologia e capacidades, o conceito de humanismo é desafiado.

O movimento transumanista surge como uma abordagem que visa superar os limites biológicos do ser humano e alcançar uma nova etapa evolutiva, conhecida como pós-humanismo. O movimento transumanista promete, ainda no século em curso, que a inteligência artificial, a nanotecnologia e a engenharia genética sejam capazes de cumprir com a utopia da transcendência dos limites do corpo, em uma expansão que irá além da perspectiva da passagem cronológica do tempo, rompendo a barreira da própria corporeidade. “Nossos corpos e cérebro serão envolvidos e se fundirão com o poderio computacional” (More apud Rüdiger, 2007, p. 03) ou, converteremos o conteúdo de nossas mentes, nossos desejos, nossas lembranças e os traços de nossas personalidades em dados para descarregá-los em outros corpos, mais jovens e melhores, ou “simplesmente viver como padrões de informação existentes nas redes de computadores, como se fossemos fantasmas de um vasto maquinismo (Elliott apud Rüdiger, 2007, p. 10)

O ciborguismo, nesse contexto, é considerado um meio para atingir a transformação em direção ao pós-humano. Nesse sentido, a dicotomia humanidade/animalidade que marcou a modernidade e a visão antropológica fundamental associada ao movimento humanista é colocada em questão frente ao movimento pós-humanista que convida o pensamento humano ao reconhecimento de agendas identitárias transumanas e pós-humanas, implicando na construção de narrativas que promovam a reconciliação entre os dualismos entre humanos e não humanos, humanos e máquinas, corpos reais e corpos digitais.

Assim, sem fatalismos, nem visões apocalípticas e autodestrutivas, a era pós-humana é um convite para a promoção de encontros subjetivos “em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção (Haraway, 2009, p. 37). As possibilidades tecnológicas de superação dos limites biológicos impulsionam a humanidade para superar os limites das fronteiras biológicas do tempo e da própria existência corporal, de modo que a singularidade do homem consiste na liberdade face aos determinismos em relação aos quais os restantes dos animais estão submetidos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento pós-humanista, que atualmente reúne um conjunto de intérpretes do contexto tecnocientífico atual, busca responder à impotência da categoria do sujeito tradicional em compreender o fenômeno humano, doravante inscrito em um contexto de tensões, integrações e metamorfoses irreversíveis com um outro não-humano, especialmente, produzido pelo investimento da técnica. O problema agora é o tipo de pós-humanidade que teremos e se seremos capazes de nos reconhecermos após a mudança. O progresso técnico é um dos eixos através dos quais buscamos alívio para nossos sofrimentos, mas também pode se tornar uma das formas de violência contra a natureza e nossa própria espécie.

Assim, diante da impossibilidade de retrocessos no processo de avanço da ciência e do reconhecimento de seus benefícios e de suas possíveis insuficiências, agravadas pelos encontros e desencontros complexos que constituem o humano, o debate pós-humanista suscita pensar que tipo de pós-humanidade seremos capazes de criar, na medida em que o milagre tecnológico e a artificialização da vida não devem conduzir a humanidade para uma outra forma de moralidade que nos obrigue a trágicas escolhas ligadas a relativização ou flexibilização de valores humanos essenciais, como a vida, a liberdade e a dignidade.

Palavras-chave: Belo. Cotidiano. Pós-humanismo. Ciborgue. Movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Y. M. O **“Mito” da Atividade Física e Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1995.

HAMMES, Erico. **Transumanismo e pós-humanismo**: uma aproximação ético-tecnológica. Belo Horizonte, v. 50, n. 3, p. 431-452, Set./Dez. 2018.

HARAWAY, Donna J. **Manifesto ciborgue**: Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RESENDE, Carolina Siqueira. **O corpo perfeito e seu processo de construção psico-sócio-cultural**. Monografia apresentada como requisito para conclusão de curso de Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília. Orientação de Dra. Carlene Maria Dias Tenório. Brasília/DF, Junho de 2006.

RÜDIGER, F. **Biopolítica e cibercultura**. In: Compós, 2007, Curitiba. Anais do Encontro nacional dos programas de pós-graduação em comunicação. Curitiba: Universidade Tuiuti. v. 11. p. 1-15.

RUSSO, Renata. **Imagem corporal**: construção através da cultura do belo. Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, jan./jun. 2005.

TAVARES, M.C.C. (2003). **Imagem Corporal**: Conceito e Desenvolvimento. São Paulo: Manole. KAWANISHI, Paula; LOURENÇÃO, Gil. **Humanos que queremos ser**. Humanismo, ciborguismo e pós-humanismo comk tecnologias de si. Campinas, n(58.2): 658-678, mai./ago. 2019.